"Petismo" e "Lulismo": Uma Análise Semântica da Designação na Folha de S. Paulo [1]

Antonione Alves GRASSANO[2]
Nara Jaqueline dos REIS[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Este artigo busca compreender, a partir da Análise de Discurso (AD) franco-brasileira, a produção discursiva acerca do termo "petismo" e sua relação de sentidos com "lulismo" e suas variações linguísticas. Recorremos às colunas da Folha de S. Paulo, tendo como ponto de ataque para esta análise as elaborações linguístico-discursivas em torno do item lexical "petismo", no período de janeiro de 2002 a dezembro de 2014, resultando em 121 textos. A amostra deste artigo resulta da interseção entre neologismos formados a partir da sigla do Partido dos Trabalhadores (PT) e de seu quadro mais proeminente, Lula da Silva. Nossa discussão teórica se dá no âmbito da interface entre os campos da Comunicação e Política, com suas respectivas influências mútuas, e da articulação entre Semântica e a história dos conceitos, mais precisamente na obra de Reinhart Koselleck.

Palavras-chave: comunicação; discurso; jornalismo impresso; política.

Introdução

Este artigo é uma amostra de uma pesquisa iniciada em 2014 e parcialmente finalizada em 2016. Neste período, o cenário político brasileiro foi tomado por uma radicalização dos discursos e uma polarização inéditas na história recente. Detectamos a emergência de um discurso de ódio direcionado consensualmente a um ator político e sua principal figura: o Partido dos Trabalhadores (PT) e Lula da Silva.

No âmbito de nossa pesquisa, partimos do pressuposto teórico de que há uma relação íntima entre produção de sentidos e produção de afetos. Por isso, buscamos compreender o funcionamento do discurso de repulsa ao PT verbalizado em colunas de Política na mídia tradicional, especificamente na Folha de S. Paulo.

---

[1] Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: antonione.grassano@gmail.com.

[3] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, email: narajack7@gmail.com

Na constituição do arquivo, cujo ponto de ataque foi o item lexical "petismo", notamos a recorrência de associações a outros neologismos, estes relacionados ao nome próprio de Luiz Inácio Lula da Silva (a saber, lulismo, petismo-lulismo, lulo-petismo).

Mobilizaremos um aparato teórico-conceitual que discute a interface entre comunicação e política e sustentam a centralidade da mídia na circulação, (re)produção e institucionalização de referenciais simbólicos. Adiante, a partir da teoria dos campos (BOURDIEU, 2011) discutimos as influências e as transformações provocadas pelas regras midiáticas no jogo político, notadamente o fenômeno de personalização da política.

Enquadramos este estudo de caso em uma abordagem discursiva que focará no processo de designação (GUIMARÃES, 2002) de nosso objeto. Articularemos esta proposta com a "história dos conceitos" de Reinhart Koselleck (2006) e suas formulações acerca dos neologismos a designar os movimentos modernos. Em ambos, a perspectiva da valência política das nomeações e o entendimento de que, ao designar um grupo, processos de inclusão e exclusão estão em funcionamento, engendrando relações de poder.

Na quarta parte deste artigo procederemos à análise de cinco enunciados extraídos de colunas da Folha de S. Paulo. Mobilizaremos conceitos próprios da Análise de Discurso (AD) franco-brasileira, da Linguística e Semântica.

1. Mídia, Política e Personalização

Como prática discursiva, o jornalismo é tomado como lugar de seleção e de construção simbólica da "realidade", onde opera fundamentalmente as questões discursivas das escolhas entre o que é dito (logo, o que é silenciado) e de quem participa ou é proscrito neste processo. Dessa forma, o discurso jornalístico consolidou-se como o discurso sobre o real, recoberto por uma "vontade de verdade" (FOUCAULT, 2014). Se formos analisar os efeitos da inserção do jornalismo, como instituição, nas relações de poder descritas por Foucault, seu capital o configura como um espaço de legitimação e interpretação partilhada do cotidiano.

A partir do conceito de "poder simbólico", desenvolvido por Pierre Bourdieu (2011), consideramos a imprensa como um sistema de grande capital simbólico e alta capacidade de ocasionar o consenso sobre o sentido do mundo social, direcionando

sentidos de interpretação que vão contribuir para a (re)produção da ordem social. Sobre os sistemas simbólicos, Bourdieu afirma:

> Os "sistemas simbólicos", como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica:* o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). (BOURDIEU, 2011, p.9)

O discurso jornalístico é, portanto, parte integrante da institucionalização da sociedade como "realidade objetiva", através da filiação de efeitos de sentido. Valendo-nos do conceito da AD da ilusão referencial da linguagem, isto é, a não-transparência, podemos dizer que são os campos semânticos construídos pela linguagem que constituem elementos de filiação de sentidos e permitem a constituição da memória discursiva sobre determinado objeto.

Assim, o processo de "tradução" do real que o jornalismo opera deve ser compreendido como um fenômeno social que leva em consideração as teorias materialistas da linguagem. Assim, em um processo contínuo, interdiscursivo, os jornais...

> nomeiam, produzem explicações, enfim, "digerem" para os leitores aquilo sobre o que se fala. Esse processo de encadeamento cria a ilusão de uma relação significativa entre causas e consequências para os fatos ocorridos. (MARIANI, 1996, p.63)

Na ordem do discurso, devemos considerar a posição (ORLANDI, 2005) do jornalista para compreender a produção de sentidos. Este é determinado pelo seu lugar empírico e, consequentemente pelas demandas da profissão, ou seu *habitus*, para retomar Bourdieu (2011). Através das convenções jornalísticas, seu discurso opera sob um afastamento do que é por ele construído.

Este efeito de distanciamento confere ao sujeito enunciador uma imagem de observador imparcial, e marca a diferença entre sua posição e o objeto do seu discurso. Dessa forma, mesmo que não explicitamente, o discurso jornalístico emite valores, opiniões e direciona a interpretação.

> A imprensa possui, assim, o monopólio da seleção da notícia. O relevante é observar que esse recorte da realidade, resultante das

> decisões de um grupo restrito de profissionais e submetido aos constrangimentos próprios do campo jornalístico, é apresentado à sociedade como sendo "a" realidade ou, ao menos, sua parcela significativa. (MIGUEL, 2001, p. 21)

Este capital simbólico, ou, se preferirmos, instância de poder, em que se constituiu a instituição jornalística é ainda mais considerável no Brasil, marcado por uma profunda desigualdade na variedade de discursos oferecidos (MIGUEL, 2001).

Através desta perspectiva, a teoria dos campos desenvolvida por Bourdieu (2011) oferece uma chave de leitura para a compreensão da zona relacional articulada entre os campos da comunicação e da política, quando este estaria progressivamente se submetendo às "regras do jogo" midiático (BOURDIEU, 2011).

A constituição dos dispositivos de comunicação como o espaço central dos embates simbólicos entre os diversos campos da vida social e como principal agente circulador de tais referenciais também altera profundamente a dinâmica dos processos políticos. A revolução na demografia e no *habitat* das sociedades na passagem para a modernidade reconfiguraram a relação do indivíduo com seu meio social. As células tradicionais se dissolvem, se desarticulam e o progresso dos meios de comunicação fornecem as condições para exercer a mediação nos novos aglomerados urbanos (DOMENACH, 1963)

As influências dos meios de comunicação de massa na atividade política é a problemática de Schwartzenberg (1977) e suas considerações acerca do espetáculo em que se transformou o exercício do poder nas sociedades contemporâneas. O autor estabelece uma relação de analogia entre o cinema e a atividade política, que, assim como aquele, incorporou seu próprio modelo *star system*, com suas estrelas, vedetes, encenações e estratégias de persuasão.

Dessa forma, o Estado se transforma em produtor de espetáculos e a política, antes lastreada pelo embate de ideias, se personaliza e personifica a figura do dirigente. Este personagem, vedete da nova configuração, é a figura chave da relação, muitas vezes de coexistência e de retroalimentação, entre os fenômenos distintos do crescimento do poder pessoal na política e da personalização do poder (SCHWARTZENBERG, 1977).

A partir desta perspectiva, a mídia se configura como principal palco aonde irá se travar as disputas políticas. Assim, a imagem do candidato se torna a construção a

gerar a identificação com os eleitores, reservando um papel secundário aos partidos e ao conteúdo programático no processo de escolha.

Este amplo protagonismo das figuras políticas nos governos representativos é descrito por Manin (1995) como um processo que evidenciava ter-se consolidado a partir dos anos 80 do século XX. As democracias representativas passaram a se constituir em "democracias de público", em contraposição às anteriores "democracias de partido".

Esta conjuntura, na qual os meios de comunicação exercem um papel primordial na mediação entre candidato e eleitor, caracteriza-se por uma alteração profunda nas estratégias eleitorais, que passaram a encontrar subsídios nas representações vagas cujo objeto principal é a personalidade dos líderes políticos (MANIN, 1995).

2. Semântica, Tempo e História

Para analisar os efeitos de sentido de “petismo” e sua relação com “lulismo” e as variações detectadas no percurso da constituição de nosso arquivo (lulo-petismo, petismo-lulismo, etc.), inserimos esta pesquisa no âmbito do estudo dos processos de designação (GUIMARÃES, 2002) e da formação de neologismos na proposta de articulação entre a “história dos conceitos” e teoria da história (KOSELLECK, 2006)

A designação é um processo histórico de nomeação de um objeto e, consequentemente, de constituição de sentido a partir do confronto de diversos discursos. À relação da temporalidade com o processo enunciativo, Guimarães define:

> Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro. Por outro lado este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável. (GUIMARÃES, 2002, p. 12)

Dessa forma, as designações reescrituram determinado objeto em uma cadeia significante. A noção de “tempo”, neste caso, não é tomada como algo natural e evidente, mas como uma construção cultural subsidiada por procedimentos de linguagem, que, em dada época, determina um modo específico de relacionar o passado, através do já conhecido e experimentado, e o futuro.

Na teoria da História, a semântica dos conceitos fundamentais permite tanto a compreensão da ressignificação de termos tradicionais como a criação de neologismos (petismo, lulismo, etc.). Essa abordagem ganha espessura na obra do historiador alemão Reinhart Koselleck, que aponta uma relação de dupla direção entre linguagem e a "realidade objetiva", uma condicionando a outra (KOSELLECK, 2006).

Em sua formulação acerca do tempo histórico, Koselleck (2006) atenta para as consequências da ressemantização da palavra "história" e a emergência de seu uso no singular nos tempos modernos. Se antes o termo designava as diversas narrativas acumuladas pela tradição historiográfica, agora a História denota toda uma sequência de eventos que expressa a inclusão da humanidade em uma narrativa única. Esta ressignificação tanto indica, como sustenta, um modo novo de pensar a relação da humanidade com o mundo. É dela que surgirá a noção de "progresso" e fará das categorias "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa" o diapasão da significação da experiência humana com sua realidade objetiva.

A perspectiva temporal como coeficiente estruturador das nomeações de movimentos modernos, no caso daqueles terminado com o sufixo -ismo, aponta para uma dependência de uma orientação histórica em direção ao futuro.

> A temporalizarão, portanto, não apenas transformou velhos conceitos políticos, como ajudou também a criar novos, todos encontrando seu denominador temporal comum no sufixo "ismo". O que eles possuem em comum é basearem-se apenas parcialmente na experiência. A expectativa que depositam no tempo que está por vir está em proporção inversa à experiência que lhes falta. Trata-se de conceitos de compensação temporal. A fase de transição entre passado e futuro continua a ser escrita como um caleidoscópio por cada novo conceito (KOSELLECK, 2006, p.297)

A semântica dos conceitos fundamentais, portanto, dá a conhecer a ressignificação de termos tradicionais adaptados ao tempo presente e, mais especificamente sobre os neologismos, oferece um chave histórico-linguística para a apreensão dos fatores a designar os movimentos modernos.

3. Conceitos de Base e Metodologia

Neste artigo partiremos da Análise de Discurso (AD) franco-brasileira para descrever os processos de produção discursiva acerca dos termos "petismo", "lulismo" e

suas variações. Nos interessará compreender as formações discursivas que atravessam os enunciados sobre o nosso objeto. Segundo Orlandi (2005), as FDs materializam as relações ideológicas que se dão no processo sócio-histórico em que o texto é produzido.

Retomando o postulado da AD de que a "incompletude é a condição da linguagem" (ORLANDI, 2005, p.37), temos que os sujeitos, os sentidos e, consequentemente, o discurso, estão em um constante movimento de produção simbólica e de constituição histórica na memória do dizer.

O que hoje entende-se por "petismo" é resultado de um contínuo trabalho de significação fundamentado na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos, entre a repetição do mesmo e a emergência do diferente. Segundo Orlandi, os processos parafrásticos...

> ...são aqueles pelos quais, em todo dizer, há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. (ORLANDI, 2005, p.36).

Enquanto isso, os processos polissêmicos são os fenômenos do equívoco, da ruptura de significações, e a evidência, na linguagem, da multiplicidade de sentidos, que permite o "novo" em meio à memória constituída (ORLANDI, 2005).

Na análise dos enunciados sobre o "petismo-lulismo", notamos a recorrência de uma narrativa que indicava uma ocorrência anterior e exterior ao próprio texto, uma narrativa fundada no interdiscurso. À materialização textual do interdiscurso, chamamos de pré-construídos. Segundo Pêcheux (1988), o pré-construído é:

> uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado (…) O efeito de pré-construído em sua forma pura é a colocação de uma existência singular e a verdade universal que afeta as asserções que incidem sobre essa singularidade (PÊCHEUX, 1999, p.99)

Os pré-construídos funcionam produzindo sentidos para determinado objeto ao filiá-lo em alguma rede de sentidos. Isso corresponde a buscar implícitos que procuram dar conta de uma interpretação no momento presente ou futuro. Dessa forma, a memória discursiva aparece como a reatualização de acontecimentos e fatos passados, acionando

um imaginário vivo e latente que fundamenta a textualidade e produz um efeito de evidência. Conforme Pêcheux, a memória discursiva é o que

> face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Para analisar os efeitos de sentido e as práticas discursivas da Folha de São Paulo sobre o PT e Lula, empreendemos uma busca baseada no item lexical "petismo" no site do acervo do jornal.

4. "Lulismo" e "Petismo": o processo de designação

Na série de enunciados a seguir notamos a ocorrência de um efeito parafrástico relacionando "petismo" e "lulismo" - e suas variações – ao conceito de "autoritarismo", tomado a partir da formulação das ciências políticas. Nesta tradição, autoritarismo se construiu como um conceito de contraposição a "democracia", e foi utilizado para ressaltar parâmetros antidemocráticos em casos determinados (BOBBIO, N; MATTEUCCI, N et PASQUINO, G. 1998,). Segundo a definição, na tipologia dos sistemas políticos...

> são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas. Nesse contexto, a oposição e a autonomia dos subsistemas políticos são reduzidas à expressão mínima e as instituições destinadas a representar a autoridade de baixo para cima ou são aniquiladas ou substancialmente esvaziadas. (BOBBIO, N; MATTEUCCI, N et PASQUINO, G. 1998, p.94)

Para a AD, nas diferentes práticas discursivas, a intervenção do interdiscurso, seja ela em uma narrativa, num discurso jornalístico, etc., atualiza expressões e enunciados, o que produz um efeito de uma anterioridade, um não-dito, mas admitido como existente e verdadeiro.

Vamos aos enunciados:

> *T1* - O governo Lula não só dá apoio encarniçado a macaquices autoritárias como encarna, defende, propõe e quer institucionalizar várias delas (…). Trata-se de facilidade herdada da organização sindical do país, corporativista quase fascista, mantida com gosto e usufruto pelo petismo-lulismo. (Petismo-lulismo, caricatura da direita - 16/08/04)
> *T2* - Ficou o "projeto de poder" sem ideias. O aparelhismo da pior esquerda. (…) O petismo-lulismo desconectou-se do movimento social. Tornou-se movimento arrivista (História da ruína petista-lulista – 06/06/05)
> *T3* - O petismo- lulismo foi um projeto de acaudilhamento do PT em torno do neopai dos pobres, Lula da Silva, plano concebido e implementado desde 1995 pela camarilha dos quatro, ora escorraçada até pelo próprio Lula: José Dirceu, José Genoíno, Delúbio Soares e Sílvio Pereira. (Nota de falecimento – 04/07/05)
> *T4* - A degradação é ininterrupta porque o petismo-lulismo não é outra coisa que uma estratégia de se incrustar no poder a qualquer custo, sem nenhum projeto de substância. Da esquerda antiga – aliás uma redundância, pois não há esquerda nova – herdou apenas o cadáver mumificado, o vezo autoritário, o aparelhismo, a mentira sistemática do estalinismo. (A mula-sem-cabeça do PT – 11/07/05)
> *T5* - Hoje, o PT minguou, Lula cresceu, sai o petismo, fica o "lulismo", o personalismo caudilhesco velho de séculos na América Latina (Restou um caudilho – 25/08/06)

No fragmento T1, tomemos o procedimento analítico da filiação de sentidos que sustentam a hipótese das "macaquices autoritárias" que o governo Lula quer institucionalizar. A argumentação parte do pressuposto que isso decorre da origem sindical do partido. A oração apositiva "corporativista quase fascista" manifesta-se como um efeito de sustentação sobre a classificação do sindicalismo brasileiro, ao qual o PT herda por associação lógica. Na AD esta é a manifestação do discurso transverso. Este, ao contrário do pré-construído, que é admitido como pré-existente, corresponde a uma evocação lateral, um retorno a um saber exterior, mas também constitui, como implícito, a "sustentação do verdadeiro" no discurso.

No campo da sintaxe, a oração "corporativista quase fascista" determina o sintagma nominal "organização sindical do país". É uma determinação explicativa que emerge como manifestação de uma formação ideológica negativa sobre os movimentos sindicais brasileiros, em uma tentativa de aproximar sua atuação corporativa daquela dos movimentos fascistas europeus. Na ciência política, há diferenças denominativas entre as formas de corporativismo:

> Enquanto o Corporativismo tradicional é essencialmente pluralista e tende à difusão do poder, o Corporativismo fascista é monístico (não é por acaso que está filosoficamente ligado ao idealismo), tenta reduzir à unidade, àquela unidade dinâmica que é ambição do sistema, todo o complexo produtivo. No Corporativismo tradicional, as corporações se contrapõem ao Estado; no Corporativismo fascista, as corporações estão subordinadas ao Estado, são órgãos do Estado. (BOBBIO, N; MATTEUCCI, N et PASQUINO, G. 1998, p.289)

A relação Sindicalismo - Governo Lula, com as sentidos negativos construídos em torno do sindicalismo, é dada como direta, e silencia uma série de outras relações. Constitui-se assim, no texto, um efeito metafórico de transferência dos sentidos entre petismo, lulismo e fascismo.

O efeito de sustentação através do discurso transverso e do pré-construído também ocorre na atualização de uma memória discursiva eminentemente da história latino-americana, o caudilhismo. Esta foi uma forma de exercício de poder político caracterizada pelo agrupamento em torno de um líder carismático. Esse poder carismático era "exercido ao mesmo tempo de forma autoritária e paternalista, e retribuído com a adesão incondicional dos seus homens" (BOBBIO; MATTEUCCI et PASQUINO, 1998, p. 157)

Em T3 e T5, os enunciados filiam o petismo aos sentidos constitutivos deste movimento. O enunciado T3 está estruturado em uma série de atualizações desta memória, a começar pela designação tanto do "petismo-lulismo" quanto da anaforização do nome "Lula da Silva". Partindo da designação, temos um pré-construído. A predicação da oração restringe todas as interpretações de "petismo" a uma filiação de sentidos já composta anteriormente, o do "caudilhismo". Temos um efeito de sentido único, a atuação, por excelência, do imaginário.

O mesmo efeito ocorre no sintagma nominal "camarilha dos quatro". No contexto de movimentos aludidos à esquerda, como o comunismo chinês, o termo "camarilha dos quatro" designava as quatro personagens, na ditadura de Mao Tsé-Tung, responsáveis pela execução das ações da chamada "revolução cultural". Mais recentemente, em alusão a essa memória discursiva, os procuradores da Operação Lava Jato nomearam "camarilha dos quatro" os diretores da área Internacional da Petrobras responsáveis pelo desvio de verbas na estatal.

A ressonância de um imaginário comunista nas narrativas sobre o petismo é sintomática no sentido de apreender as formações discursivas e, logo, as ideológicas,

que compõem as práticas discursivas sobre o PT na Folha de S. Paulo, visto que o discurso jornalístico sobre os comunistas constituíram uma longa narrativa que os significava negativamente (MARIANI, 1996, p.119).

Conforme Mariani explicita em sua análise do discurso jornalístico sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB), as teses de Marx, sobre as quais se fundou o partido, tiveram uma divulgação, no Brasil, muito restrita às leituras leninistas e estalinistas. Logo, o "PCB deixa de ser compreendido enquanto tal, seu sentido é deslocado, ficando atrelado, ou melhor, fechado na 'figura palpável' do Estado Soviético e de Stálin" (MARIANI, 1996, p. 157). No caso do petismo, muitas práticas demonstradas nesta seção mostram uma narrativa que conduzem a um gesto de leitura similar ao das narrativas sobre os comunistas brasileiros.

Na anáfora "neopai dos pobres" (T3), em referência a Lula, a manifestação de um discurso transverso posicionando Lula em uma relação de atualização à memória de Getúlio Vargas, o "pai dos pobres". Esta designação mobiliza toda uma filiação de sentidos que inclui o paternalismo, o autoritarismo e o populismo atribuídos à memória de Vargas no poder.

É importante apontar que o que também está em jogo é uma cumplicidade com o leitor, pois espera-se o reconhecimento de que está sendo ressignificado um dizer já-dito. Nessa sequência de enunciados está atuando o trabalho da memória na enunciação jornalística: algo já dito antes e em outro lugar é retomado e ressignifícado, em um processo de transferência mútua de sentidos.

Além do remetimento ao caudilhismo, com todos os seus sentidos estabilizados, T5 evidencia um efeito de narratividade. Chamamos de narratividade a...

> memória como processo narrativo, um mecanismo discursivo que atuando junto à memória possibilita a reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas. A narratividade, tal como a estamos concebendo, com base na perspectiva da AD, coloca em movimento (no trabalho da memória) os agenciamentos de rituais enunciativos presentes no imaginário, permitindo o deslocamento, o retorno, a migração de cadeias de enunciados narrativos. (MARIANI, 1996, p.119)

A enunciação em T5 se constrói em uma linha cronológica típica dos gêneros narrativos. O que a AD vêm nos propor é que essa "sucessão de fatos", dada como evidente, ocorreu antes no interdiscurso, em uma outra filiação de sentidos, não dizendo

respeito originalmente ao objeto do presente. Dizendo de outra forma, o sujeito é interpelado pelo interdiscurso. A marca do "vazamento" do interdiscurso nesse caso é o discurso transverso, que materializa-se no sintagma nominal "o personalismo caudilhesco velho de outros séculos na América Latina".

O que a enunciação propõe com a sequencia temporal dos verbos "minguou", "cresceu", "sai" e "fica", é uma narrativa comum a vários movimentos ditos comunistas, os quais "emprestam" eles próprios suas narrativas ao "petismo". O movimento narrativo de conversão do "petismo" em "lulismo" busca inserir o acontecimento em um mesmo imaginário de outros movimentos de orientação socialista ou comunista institucionalizados pela História, como "estalinismo", "leninismo", "chavismo".

A hipótese de que este movimento narrativo também circunscreve o "lulismo" e, por associação, o "petismo" em saberes estabelecidos de movimentos fundados em um líder carismático, que não sejam necessariamente de orientação socialista ou comunista, como o fascismo, também é válida. Bobbio (1998) aponta esta possibilidade na diferenciação de designações para movimentos que se assemelhariam ao fascismo. Na enunciação, o efeito de sentido para "lulismo" pode se inserir na mesma filiação.

> Não falta, por outra parte, quem atribua fascismo, nazismo, franquismo, salazarismo, peronismo, etc. a estádios diversos do desenvolvimento econômico e político, partindo de uma compreensível reação contra o uso genérico e indiscriminado do termo fascismo, e, contemporaneamente, quem procure uma explicação para as semelhanças entre o fascismo europeu e alguns movimentos e regimes iberoamericanos e do Terceiro Mundo. (BOBBIO, N; MATTEUCCI, N et PASQUINO, G. 1998, p. 36)

A grande ocorrência das variações "petismo-lulismo", "lulismo-petismo", "lulo-petismo, entre outras, no vasto arquivo constituído para este trabalho evidencia, inclusive, este percurso enunciativo através dos anos, constituindo um movimento histórico de nominalização. O procedimento de filiação de sentidos na rede de sentidos sobre o fascismo pode ser explicitado, na série de enunciados acima, constituindo um processo de designação. (GUIMARÃES, 2002)

Ainda no imaginário dos movimentos autoritários, totalitários e afins, persiste a lógica do aparelhismo. Esta memória tem uma ressonância no totalitarismo soviético e na ideologia nazista (ARENDT, 2012) e foi "herdada", por assim dizer, pelo Partido dos

Trabalhadores. A narrativa do "projeto de poder", das tradições totalitárias, é recontada em T2 e T4.

Em T2, a ocorrência das aspas em "projeto de poder" merece destaque. Conforme Authier-Revuz (1998), o uso de aspas indica que outros sentidos afetam a palavra. Funciona, no campo da metaenunciação, como um reconhecimento do enunciador de que seu discurso é afetado por outro. Mais uma vez, temos a ocorrência do pré-construído, um discurso pronto, já reconhecido anteriormente, garantindo a sustentação do discurso que se faz. Em T4, o discurso transverso, de mesma filiação no interdiscurso, aparece na oração adjetiva explicativa "uma estratégia de se incrustar no poder a qualquer custo", remetendo a uma narrativa já contada em outros acontecimentos históricos, e linearizando os objetos que ele mesmo a parti de pré-construídos (aparelhismo, mentira sistemática, etc.). Percebe-se que há uma memória fazendo retornar um mesmo processo de linguagem e história. O que muda são as situações enunciativas.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos detectar os efeitos de sentido acerca do termo "petismo" e sua relação com o neologismo criado a partir do nome próprio de sua figura mais proeminente, "lulismo". Esta proposta se deu na constituição de nosso arquivo analítico, ao detectarmos recorrências consistentes do aparecimento de ambos na mesma estrutura de cotextos e da associação entre os mesmos em duas diferentes composições léxicas ("petismo-lulismo" e "lulo-petismo").

O papel adquirido pela Imprensa, como instituição, e como sistema simbólico estruturado, nos permitiu debater acerca de sua função desambiguizadora do mundo e sua centralidade na institucionalização de sentidos e produção de consenso. Isto é possível pela ilusão referencial da língua, que produz o efeito de evidência do discurso jornalístico.

Os estudos sobre a interseção entre os campos midiático e político nos permitiram sublinhar os efeitos dos meios de comunicação como palco e determinador, até certa medida, do jogo político. Com isso, podemos sugerir a recorrência de neologismos formados a partir do nome "Lula" como indicador do processo de personalização da político descrito por Schwartzenberg (1977)

O efeito de tensão que desvia o olhar da história corrente e passa a se ocupar com as histórias do passado é um processo atestado na "história dos conceitos" (KOSELLECK, 2006). De acordo com esta tradição, linguagem e história permanecem dependentes, mas nunca chegam a coincidir completamente. Sempre existirá tanto a diferença entre os eventos em curso e sua possível tradução linguística quanto a não coincidência entre uma história passada e sua reprodução por meio da linguagem. Em outras palavras, tanto no acontecer quanto depois de acontecida, toda história é algo diferente do que sua articulação linguística consegue nos transmitir, dilema que só pode ser percebido por intermédio da linguagem. Daí nossa abordagem discursiva.

Evidenciamos, na análise dos enunciados, que as denominações, objetos deste artigo, sustentam um direcionamento básico de referencialidade discursiva. A respeito especificamente do termo "petismo" e "lulismo" (e suas variações), compreendemos que estão fundamentados no coeficiente temporal do futuro, isto é, carecem de experiências acumuladas e materializam uma superestima à noção do "horizonte de expectativas" (KOSELLECK, 2006).

O processo de nomeação, este sim, se referem a fenômenos já dados, isto é, do passado. A designação ocorre a partir da mobilização de referenciais simbólicos e pré-construídos de movimentos de esquerda tomados sob um gesto de leitura que os depreciam. A designação de "petismo" atualiza uma memória discursiva do "comunismo", "aparelhismo", "fascismo", "autoritarismo"; enquanto "lulismo" é significado a partir de movimentos fundados na figura de um líder carismático e centralizador, ditos populistas ("chavismo", "getulismo", "caudilhismo").

Estabilizados ou em processo de cristalização, compreendemos como os sentidos, a partir do enunciados, foram condicionando uma narratividade que se dá em caráter de pressuposto, com a presença de pré-construídos e discursos transversos, de sustentação. Na discursivização do cotidiano do jornalismo, entra em jogo a memória discursiva. Detectamos, nas colunas, uma tentativa de contar uma história coerente, a qual consideramos como efeito de uma narratividade já estabilizada, aquela presente no imaginário social de movimentos históricos, notadamente sobre os comunistas, aos quais o discurso jornalístico, invariavelmente, atribui sentidos negativos (MARIANI, 1996). Podemos dizer que a produção de sentidos se dá discursivamente em um jogo entre memória e atualização de sentidos, onde esse memória é recuperada, deslocada e realocada em uma cadeia significante sobre o "petismo".

Referências

ACERVO Folha. Disponível em <acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 20/01/2016

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas:** as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

DOMENACH, J. M. **A propaganda política**. São Paulo: Difusora Europeia do Livro, 1963

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**: Um Estudo Enunciativo da Designação. Campinas: Editora Pontes, 2002

KOSELLECK, R. **Passado Futuro**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006

MANIN, B. **As metamorfoses do governo representativo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº29, outubro, 1995

MARIANI, B. S. C. **O comunismo imaginário:** práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989). Campinas: Tese de Doutorado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 1996.

MIGUEL, L. F. **Política e Mídia no Brasil:** episódios da história recente. Brasília: Plano Editora, 2002

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso.** Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2005

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso.** Uma critica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999

SCHWARTZENBERG, R. G. **O Estado espetáculo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977